

**Evento:** XVIII JORNADA DE EXTENSÃO

**QUESTÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA: AS VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO  
PARA OS DIREITOS HUMANOS NO ÂMBITO DO PROJETO DE EXTENSÃO  
CIDADANIA PARA TODOS<sup>1</sup>**

**VIOLENCE AND GENDER ISSUES: THE EXPERIENCE REGARDING  
EDUCATION ON HUMAN RIGHTS IN SCOPE OF THE EXTENSION  
PROJECT CIDADANIA PARA TODOS**

**Bruna Schmidt Bronzatto<sup>2</sup>, Ana Luísa Dessoy Weiler<sup>3</sup>, Fernanda Espindola Allegretti<sup>4</sup>, Ester Eliana Hauser<sup>5</sup>, Joice Graciele Nielsson<sup>6</sup>, Sônia Da Costa Fengler<sup>7</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de extensão realizado nos cursos de Direito e Psicologia da Unijuí. Introdução: O presente resumo propõe-se a apresentar e discutir as ações desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão Cidadania para Todos entre março de 2016 e junho de 2017 em relação aos temas gênero, sexualidade e violê

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Direito/UNIJUI. Bolsista PIBEX.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Direito/UNIJUI. Bolsista PIBEX.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia/UNIJUI. Bolsista PIBEX.

<sup>5</sup> Mestre em Direito (UFSC/SC). Prof. do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI.

<sup>6</sup> Dra. em Direito (UNISINOS). Prof. do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI.

<sup>7</sup> Mestre em Educação nas Ciências, ênfase Psicologia. Prof. dos cursos de Graduação em Psicologia e Direito da UNIJUI.

**Introdução:**

O presente resumo propõe-se a apresentar e discutir as ações desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão Cidadania para Todos entre março de 2016 e junho de 2017 em relação aos temas gênero, sexualidade e violência. Trata-se de projeto de ação comunitária, vinculado ao Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIJUI, desenvolvido por alunos e professores dos cursos de Direito e Psicologia, cujo objetivo principal é promover ações de educação em direitos humanos e cidadania, estruturadas a partir de metodologias restaurativas nas quais a reflexão, o diálogo, a vivência de valores cidadãos e o protagonismo dos envolvidos são estratégias estruturantes. Parte-se da perspectiva de que a efetivação dos direitos humanos e da cidadania, fundamentos dos estados democráticos de direito, passa pela construção cotidiana de modelos de sociabilidade pautados pela igualdade e pela não violência, o que exige consciência, compromisso e posturas diferenciadas, em especial no que tange ao reconhecimento do outro como sujeito de direitos, cuja dignidade precisa ser respeitada e promovida.

A cidadania é, portanto, resultado de um processo histórico de luta e de emancipação dos indivíduos em busca da garantia de direitos, de se apropriarem dos bens materiais e culturais construídos socialmente. Neste aspecto, ela representa uma espécie de luta travada cotidianamente e representa um processo histórico de construção e consolidação de direitos e de necessidades humanas básicas, dentre as quais ganha destaque, no atual contexto, o direito a uma vida sem violências e sem discriminações. Esse entendimento norteia a realização das atividades realizadas pelo Projeto Cidadania para Todos, objetivando discutir com os estudantes,

**Evento:** XVIII JORNADA DE EXTENSÃO

professores e comunidade e sensibilizá-los para a participação e para o protagonismo nos processos de concretização dos direitos consagrados, para transformação de relações desiguais de gênero, para a construção de relações sociais mais pacíficas ou não violentas e para a resolução de conflitos.

**Metodologia:**

Para o desenvolvimento das atividades são utilizados instrumentos e técnicas que favorecem a participação dos sujeitos, com a criação de espaços de reflexão e diálogo, quando são utilizados recursos audiovisuais e dinâmicas de grupo, com especial ênfase em círculos restaurativos. Em relação ao planejamento e avaliação das atividades são realizadas reuniões de equipe objetivando a discussão dos desafios e possibilidades identificadas ao longo das intervenções, as quais norteiam a escolha do instrumental bem como dos temas que serão abordados nos espaços onde serão realizadas as oficinas.

No que tange ao debate em torno das questões gênero, violência e sexualidade, este tem sido desenvolvido por meio de círculos de diálogo, nos quais é utilizado um objeto da palavra como orientação do processo de fala e escuta. Inicialmente são apresentados e discutidos valores como empatia, respeito, diálogo, igualdade/diferença, liberdade, paz entre outros, sendo os participantes estimulados a escolher qual destes consideram mais importante para a convivência cotidiana e qual deles deve orientar a conversa no círculo. Tal atividade, desenvolvida logo no início do trabalho, permite a construção de um espaço diferenciado de reflexão e diálogo sobre a temática, no qual os valores mencionados são efetivamente vivenciados pelo grupo de participantes e onde o protagonismo dos envolvidos é fundamental, uma vez que estes, enquanto grupo, determinarão a trajetória que a atividade vai seguir.

Para a realização da atividade são utilizados, durante a oficina, uma lixeira e três bonecos, um deles representando um menino, com roupas e acessórios do universo masculino, outro retratando uma menina, de maneira bem característica e, por fim, um boneco simbolizando um ser humano, pois está sem nenhuma característica que o faça ser definido como menina ou menino. Além dos bonecos, utilizam-se também de recortes de papel nos quais estão inseridos alguns comportamentos, características ou perfis, os quais ficam distribuídos ao chão, no interior do círculo.

Nesse contexto, os participantes são provocados a escolher um determinado comportamento e identificar a qual dos bonecos (menina, menino ou ser humano) a sociedade o atribui de forma preferencial, construindo os estereótipos de gênero. Depois de estarem todos os comportamentos posicionados em um dos bonecos, o grupo é orientado a discutir se todos estão de acordo com o que foi designado para cada figura, dando início ao momento de desconstrução de padrões que eles mesmos construíram. É nessa ocasião que muitos comportamentos são jogados na lixeira, sempre que o grupo entender que estes não devem ser praticados por ninguém, sendo os demais reposicionados entre os três bonecos. Como resultado da atividade tem-se, em regra, um reposicionamento total dos comportamentos que são, em sua maioria, colocados na figura que representa o ser humano. Por fim os participantes são estimulados a refletir sobre possíveis ou necessárias mudanças de percepção e de atitudes em relação aos temas abordados.

**Resultados e discussões:**

Promover a reflexão a respeito de questões de gênero tem se tornado cada dia mais relevante

**Evento: XVIII JORNADA DE EXTENSÃO**

em nossa sociedade, pois a perpetuação e reprodução de estereótipos e padrões diferenciados e hierarquizados entre homens e mulheres, ou entre seres humanos têm gerado uma série de consequências nefastas, dentre as quais, a mais grave, a violência. Para empreender tal desafio, necessário compreender que gênero, longe de determinar constituições biológicas essencializantes, tidas como destinos biológicos naturais e necessários dos seres humanos, deve ser considerado como construções histórico-sociais e culturais, produzidas e reproduzidas pela sociedade ao longo do tempo.

Segundo a historiadora Joan Scott (1990), muito mais do que uma categoria descritiva das relações sociais, gênero deve ser considerado como uma categoria analítica que permite analisar a organização social da relação entre os sexos, constituindo-se, deste modo, tanto em um elemento constitutivo de tais relações, quanto uma maneira primária de significar relações de poder, cuja construção apresenta três características principais: uma dimensão relacional, a construção social das diferenças percebidas entre os sexos e um campo primordial onde o poder se articula. Enquanto constitutivo das relações sociais implicam representações simbólicas do que somos, expressas por teorias religiosas, jurídicas, educativas, científicas, e que afirmam o sentido categórico do feminino e masculino como dado fixo e não conflituoso. Implicam uma dimensão política que estrutura essas relações, incluindo a família, relações de parentesco, de trabalho, o sistema político, e a escola, e ainda uma identidade subjetiva, na qual interagem todos estes elementos na constituição das identidades. E gênero é, ainda, um campo de poder, uma vez que, “estabelecidos como um conjunto de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização simbólica de toda a vida social” e “na medida em que estas referências estabelecem distribuições de poder o gênero envolve-se na concepção e na construção do poder em si mesmo” (SCOTT, 1990, p. 16).

Nesse sentido, torna-se urgente questionar as tradicionais atribuições de identidade perpetradas culturalmente em todos os espaços de convivência sociais, a fim de desvelar tais relações de poder. Conforme Guacira Lopes Louro (1997, p. 62), “Esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural; que ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura”, “esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente”, e que diferentes sociedades atribuem significados diferentes às características físicas: determinados traços ou características podem ter importância e se constituírem em “marcas” definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes.

Deste modo, a diferença de gênero constitui-se na origem mais antiga, universal e poderosa conceitualização moralmente valorada de tudo o que nos rodeia, e sua introdução como categoria de análise permitiu perceber que nossa modernidade patriarcal produziu e reproduziu estereótipos de gênero, construindo e mantendo a opressão das mulheres e as desigualdades. Constituem-se assimetrias de poder, e uma universal dominação masculina que gera desigualdades no acesso de homens e mulheres a direitos e liberdades civis, políticos, socioeconômicos e culturais, e, portanto, no acesso à cidadania. Estas diferenças variam de simples desigualdades e restrições de liberdade até violações graves como a violência doméstica e o feminicídio, cada vez mais recorrentes.

É dentro deste contexto que se desenvolvem as atividades do Projeto de Extensão Cidadania para Todos, especialmente a oficina aqui descrita e analisada. No período compreendido entre março de 2016 e junho de 2017 foram realizadas 19 (dezenove) oficinas sobre questões de gênero, sexualidade e violência, com público médio de quinhentas pessoas, sendo que destas, 14

**Evento:** XVIII JORNADA DE EXTENSÃO

(quatorze) foram desenvolvidas de forma continuada nas Escolas de Ensino Médio Águia de Haia, Emil Glitz e 25 de Julho, escolas parceiras do projeto nos municípios de Três Passos e Ijuí, tendo como público alunos e professores dos respectivos educandários. Dentre as atividades merece destaque as oficinas realizadas na Penitenciária Modulada de Ijuí, com homens presos em virtude da Lei Maria da Penha, e que participam de um Projeto denominado Sala de Diálogo: da violência ao respeito.

Desde logo, pode-se verificar que a oficina demonstra uma grande versatilidade, podendo ser aplicada para os mais diversos públicos, inclusive crianças, adolescentes, produzindo significativos impactos em todos eles. Seu grande mérito é promover a participação direta dos envolvidos no que, inicialmente, se chama de um processo de construção de gênero, e, posteriormente, em um processo de desconstrução e reconstrução destes mesmos papéis, refletindo sobre questões como igualdade, identidade e diferença.

Na primeira etapa, atribuem-se papéis, sentimentos e condutas a homens ou mulheres, tal qual a sociedade o faz ao determinar os modelos socialmente aceitos de “ser homem” e “ser mulher”. Neste processo, no qual todos participam diretamente e podem observar a participação dos demais, pode-se verificar e refletir sobre como se dá o processo de construção de feminilidade e masculinidade em nossa sociedade, observando-se que, de um modo geral, os sentimentos, condutas, características ali constantes são atribuídas às pessoas em função de seu gênero, e não em função de preferências, capacidades ou habilidades pessoais. Daí advém a verificação, concreta e a partir de experiências práticas, de que o gênero é, de fato, uma construção cultural de papéis e lugares de mundo, imersas em relações de poder, e não uma mera atribuição biológica de características diferenciadas.

Merece reflexão que, de um modo geral, são atribuídas ao boneco “mulher”, características, tarefas e comportamentos típicos do que se considera modelo de feminilidade em nossa sociedade, tais como: é mais sensível, cuida da casa e dos filhos, precisa se casar, deve obedecer, faz fofoca, brinca com bonecas. Ao boneco “homem”, por sua vez, são atribuídas características típicas de masculinidade tóxica que nossa cultura reproduz: não pode chorar, é mais forte, brinca com armas, manda em casa, é chefe no trabalho, dirige bem, pega todo mundo, dentre outras. Percebe-se, assim, como se dá o processo cultural de atribuição e construção de gênero, bem como as relações de poder intrínsecas a este processo: características atribuídas as mulheres tendem a ser menos valorizadas, e características tidas como masculinas representam valores socialmente mais aceitos e cultuados, em um processo cultural que se encontra na gênese da violência, da discriminação e da opressão de gênero.

Em um segundo momento, os envolvidos participam do que se chama de etapa de desconstrução de gênero. Este, de fato, é o momento em que se observam os maiores conflitos e divergências com relação à atividade, pois cabe a cada um alterar as características atribuídas, seja deslocando para o “homem”, para a “mulher”, para o “ser humano” ou ainda para o lixo, explicando as razões que motivaram a realizar tal alteração, e dialogando com os demais participantes sobre o movimento proposto. Neste momento de desconstrução, todos são chamados a promover um deslocamento, que muitas vezes não é apenas concreto no âmbito da oficina, mas é também simbólico, no âmbito de suas convicções pessoais até então tidas como verdades absolutas.

Ao longo de toda a prática, pode-se verificar um misto de sensações e sentimentos que, de um modo geral atingem os participantes, especialmente quando se trata de adultos. Verificam-se

**Evento:** XVIII JORNADA DE EXTENSÃO

conflitos, muitas vezes internos ou com os demais participantes, uma vez que o conflito é natural em momentos nos quais convicções estão sendo questionadas. Além do conflito, promovem-se questionamentos, deslocamentos, e, especialmente, a possibilidade de participar de um processo de des-re-construção de gênero, tão necessária em nossa sociedade atual, especialmente no que tange à possibilidade de vivermos em uma sociedade sem violência.

**Conclusão:**

A partir da atividade, os integrantes propõem-se a refletir e discutir sobre como os papéis de gênero foram idealizados pela cultura hegemônica e como são responsáveis pela perpetuação de uma cultura patriarcal na qual se promove a hierarquia, colocando a mulher, em regra, numa posição de subordinação em relação ao homem. O grande mérito da atividade é demonstrar, a partir da reflexão produzida coletivamente, que assim como podemos construir padrões de comportamento baseados em relações de poder desiguais, violentas e discriminatórias também podemos desconstruí-los e que este é um caminho necessário para a superação das desigualdades e da violência. Neste processo, todos são levados a refletir, a partir de suas vivências cotidianas, em que medida reproduzem ou não, compreensões e comportamentos que estão na base da violência e, do mesmo, a assumir compromissos de mudança.

As oficinas de gênero apresentam-se, dentro do universo das práticas restaurativas, como espaços de reflexão, prevenção e transformação, nos quais os sujeitos podem refletir sobre padrões “dados pela cultura” que ao longo do tempo se tornaram colados ao gênero seja masculino ou feminino. No momento em que essas questões vêm à tona evidenciam-se conflitos os mais diversos, pois coloca-se em discussão o que está instituído e se manifesta culturalmente como “verdade”. A atividade permite refletir sobre a cultura instituída e tomada como verdadeira sem questionamentos internos ou externos, provocando movimento e tomada de consciência, ao retirar os sujeitos de sua zona de conforto e segurança. A oficina desacomoda, produz deslocamentos e, por isso, possibilita mudanças.

Por fim, as experiências vivenciadas no âmbito do projeto apontam como desafio a construção de compromissos de mudança e responsabilização de todos os envolvidos, o que implica, nesta oficina em específico, em uma contínua discussão sobre as questões de gênero, sexualidade e violência, que possibilitem transformações nos espaços, com respeito as diferenças sejam elas quais forem. Neste sentido, todos os sujeitos envolvidos, sejam eles docentes, discentes, funcionários e comunidade em geral, são chamados a assumir este compromisso em seu cotidiano. Promover reflexões e transformações é, portanto, o compromisso e grande desafio do projeto!

**Referências Bibliográficas**

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Mulher e Realidade: mulher e educação**, Porto Alegre: Vozes, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.